

O novo muro de Trump: uma análise das implicações da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China*

Camilla Morgado Horta Monteiro¹
Marcelo Fernando Quiroga Obregon²

Sumário: Introdução; **1.** Contexto histórico das relações comerciais entre os Estados Unidos e a China; **2.** A guerra comercial de Trump; **3.** As repercussões da guerra comercial na economia brasileira. – Considerações finais. – Referências.

Resumo: O texto se pauta na recente política comercial do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em blindar a economia americana da forte influência no consumo de produtos oriundos da China. O escopo do presente estudo é analisar como a nova postura econômica norte-americana repercutirá nas relações comerciais mundiais e, especialmente, no âmbito nacional. Para tanto, delinea um breve contexto acerca do

* Recibido: 20 de setiembre 2018 | Aceptado: 15 marzo 2019 | Publicación en línea: 1ro. abril 2019.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

¹ Discente do 10º período de Direito da Faculdade de Direito de Vitória - FDV.
millamorg@gmail.com

² Doutor em Direito. Direitos e Garantias Fundamentais na Faculdade de Direito de Vitória - FDV, Mestre em Direito Internacional e Comunitário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Especialista em Política Internacional pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Graduado em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenador Acadêmico do curso de especialização em Direito Marítimo e Portuário da Faculdade de Direito de Vitória - FDV -, Professor de Direito Internacional e Direito Marítimo e Portuário nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito de Vitória - FDV.
mfqobregon@yahoo.com.br

vínculo mercantil entre os países em questão para, assim, identificar os possíveis fundamentos para a instituição de uma administração interna rígida e, por conseguinte, os prováveis impactos no mercado brasileiro. Salienta-se que este trabalho tem como base as recentes publicações midiáticas sobre a barreira tarifária.

Palavras-chave: Guerra comercial. Estados Unidos. China. Economia brasileira.

The new wall of Trump: an analysis of the implications of the trade war between the United States and China.

Abstract: This article is based on the recent trade policy of the current president of the United States, Donald Trump, in shielding the US economy from the strong influence on the consumption of products from China. The scope of the present study is to analyze how the new North American economic position will have repercussions in the world commercial relations, and especially in the national scope. To do so, it outlines a brief context about the mercantile link between the countries in question in order to identify the possible grounds for the institution of a rigid internal administration and, therefore, the likely impacts on the Brazilian market. This work is based on recent media publications about the tariff barrier.

Keywords: Trade war. U.S. China. Brazilian economy.

INTRODUÇÃO

O capitalismo norte americano, caracterizado pelo modo de produção desenfreado e pelo consumo em massa, foi um dos fatores mais favoráveis ao acentuado crescimento da economia chinesa, tradicional parceira comercial do país no que tange ao fornecimento das matérias primas necessárias para a fabricação dos produtos americanos. Nesta trilha, a China se tornou a maior provedora de recursos baratos, tendo em seu favor a mão de obra de valor irrisório e, por conseguinte, os menores preços de itens manufaturados.

Inicialmente, este cenário se demonstrou extremamente atrativo aos interesses dos Estados Unidos, que vislumbrou a oportunidade perfeita de diminuir os custos de sua produção interna, ao importar a maior parte das mercadorias utilizadas por uma baixa quantia, bem como de ampliar sua influência no território asiático. A China, por sua vez, se beneficiaria dos investimentos externos no processo de modernização do país.

Contudo, ao longo dos anos, as relações econômicas entre os Estados Unidos e a China tomaram novas proporções. Isto porque o mercado chinês se expandiu de uma forma não prevista, tornando-se uma nação reconhecida pelos especialmente pelos produtos baratos que exporta. O crescimento da economia chinesa representou o alcance de um posicionamento privilegiado, pelo qual o país conseguiu ampliar suas relações comerciais com outros territórios, infiltrando-se permanente nos mercados internos desses parceiros, e, assim, consolidando sua influência nas questões mercadológicas mundiais.

Esta nova conjuntura, por sua vez, passou a estreitar os laços econômicos com os Estados Unidos, na medida em que, gradativamente, tornou-se evidente a possibilidade de desequilíbrio econômico entre os países, ameaçando a liderança da potência norte americana no panorama internacional.

Esse quadro preocupante, junto à supostas práticas de comércio desleais por parte do governo chinês, fez com que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, reagisse ao status desfavorável da economia norte americana. A política que visa retomar a condição próspera da América se materializou na aplicação de medidas protetivas, especialmente em sobretaxas aos produtos importados da China.

O presente trabalho pretende delinear o raciocínio que pauta a nova política comercial de Trump em dificultar a livre e, até então, natural circulação dos produtos oriundos da China. Ao longo do estudo, será debatido o posicionamento econômico de cada um dos países mencionados, analisando as implicações de uma guerra comercial entre essas duas potências mundiais.

Após ponderar sobre os fundamentos para a imposição de um novo muro pelo presidente Trump, na forma de barreira tarifária, o trabalho pretende avaliar quais são os possíveis impactos desta rixa comercial no mercado brasileiro.

1. AS RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CHINA

Grandes potências mundiais, o mercado americano e o chinês se aproximaram durante a década de 70, época marcada pelo forte crescimento das indústrias no ramo de exportação. Para compreender como este elo econômico tomou forma, é preciso relembrar o contexto histórico que antecedeu essa parceria comercial.

Após as duas grandes guerras mundiais, os Estados Unidos se consolidou na liderança do sistema internacional, condição favorecida pelo amplo fornecimento de equipamentos bélicos durante os conflitos, bem como pelo resguardo do território norte americano no cenário dos combates. Nesta conjuntura, a América foi capaz de fortalecer seu poderio militar e econômico, tornando-se uma referência global nesses aspectos³.

Em seguida, iniciou-se o período de polarização da Guerra Fria, pelo qual o mundo se dividiu entre as ideologias capitalistas e socialistas, norteadas respectivamente pelos Estados Unidos e pela União Soviética. A tensão entre os dois blocos antagônicos fomentou o sentimento de insegurança ante a possibilidade de uma nova guerra e, por conseguinte, fez com que ambos os países investissem intensamente em suas forças militares⁴.

Por meio desta competição militar, os Estados Unidos ampliaram ainda mais seu poder político, expandindo sua riqueza ao passar a ter relações econômicas com outras nações para suprir as demandas locais. É neste cenário internacional que a economias norte americana e chinesa se aconchegam.

³CARVALHO, Cecília e CATERMOL, Fabrício. As Relações Econômicas entre China e EUA: resgate Histórico e Implicações. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 16, N. 31, P. 215-252, junho de 2009.

⁴Idem.

Primeiramente, a China mantinha uma política externa pendular, pois buscava se aproveitar dos dois adversários para desenvolver a infraestrutura nacional, ainda assim, era nitidamente mais inclinada aos soviéticos, que a auxiliava com o desenvolvimento industrial. Contudo, na década de 70, alguns fatores influenciaram a posição da nação chinesa ao alinhamento americano, a exemplo do fim dos embargos comerciais, o ingresso do país na ONU como, também, os avanços da União Soviética no leste asiático, o que também preocupava os Estados Unidos⁵.

No que tange ao território estadunidense, este período marcou uma fase de crise na administração local e, por conseguinte, ao sistema capitalista, uma vez que se tratou de um período em que as bases políticas, econômicas e militares estavam ameaçadas, o que ilustrava o acentuado déficit monetário com que o país sofria. ⁶

Diante dos inúmeros problemas que cercavam as políticas norte americanas, a alternativa viável a fim de conservar sua hegemonia no cenário internacional foi a aproximação com o mercado chinês. Já naquela época a China era vista como uma parceira econômica lucrativa, pois era uma forte provedora de recursos baratos, a exemplo da mão de obra em valor banal, o que representaria a diminuição nos custos de produção. Além do aspecto econômico, era a brecha para os Estados Unidos expandirem sua influência na região asiática.

No que concerne à China, a reaproximação também se demonstrava benéfica, pois almejava conter os avanços das forças soviéticas e, com o elevado consumo norte americano o país asiático aceleraria o processo de modernização da economia e das indústrias chinesas.

2. DA GUERRA COMERCIAL DE DONALD TRUMP

Uma das ofertas na plataforma da campanha eleitoral de Donald Trump, eleito presidente dos Estados Unidos em 2016, foi o restabelecimento da economia norte americana, a fim de retomar os tempos que o país apresentava uma estável liderança frente o cenário mundial.

No início de julho de 2018, o discurso de Trump foi colocado em prática, ao anunciar uma série de sobretaxas aos produtos chineses, sob o argumento de

⁵CARVALHO, Cecília e CATERMOL, Fabrício. As Relações Econômicas entre China e EUA: resgate Histórico e Implicações. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 16, N. 31, P. 215-252, junho de 2009.

⁶Idem.

que os Estados Unidos sofrem prejuízos com o atual status da balança comercial entre os dois países⁷.

De acordo com o presidente, o escopo das barreiras tarifárias é fomentar a geração dos empregos em território nacional e concomitantemente diminuir a dependência americana dos recursos oferecidos pelo gigante asiático, apontado por Trump como o causador da conjuntura crítica do país, visto os altos níveis de importação na tradição comercial entre as nações⁸.

Além disso, outro fator que acirra o atrito entre os Estados Unidos e a China é a suposta deslealdade nas práticas mercantis chinesas, como o roubo de propriedade intelectual de companhias americanas, o que aprofundou o déficit na balança comercial estadunidense. Assim, uma das atitudes tomadas pelo governo norte americano para demonstrar a necessidade de reajustamento com as regras comerciais atuais e, ainda, restabelecer seu equilíbrio econômico foi a restrição dos investimentos e as tarifas de importação contra produtos chineses⁹.

Certamente, a nova política econômica do presente governo pode ser resumida em seu slogan campanha "Make America Great Again" (Torne a América Grande Novamente). O fato do protecionismo estadunidense repercutir além das relações comerciais com a China, afetando por derradeiro os outros parceiros econômicos, aparentemente não preocupa Donald Trump, que sempre se demonstrou insensível com as consequências advindas de seus atos desde que o propósito seja alcançado.

A apatia do presidente americano não é compartilhada pelo governo chinês, que detecta nas medidas protecionistas não só um ataque direto, como uma afronta à globalização. Destarte, a China confrontou a postura econômica de Trump ao também aumentar os tributos das mercadorias americanas, entretanto, reconhece os danos que serão ocasionados com a instalação de uma guerra comercial¹⁰.

⁷ PACHECO, Paula. **Brasil perde com guerra comercial entre Estados Unidos e China.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/07/09/internas_economia,693726/brasil-perde-com-guerra-comercial-entre-estados-unidos-e-china.shtml>. Acesso em 04 set. 2018.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ PACHECO, Paula. **Brasil perde com guerra comercial entre Estados Unidos e China.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/07/09/internas_economi

Decerto, é impossível que as barreiras tarifárias de Trump, e, por conseguinte, a retaliação chinesa, não produzam reflexos nas economias parceiras. Inclusive, a União Européia e o Canadá já começaram a sentir algumas mudanças em decorrência da aplicação das sobretaxas no que concerne o comércio de alumínio e aço.

Na última reunião do G-20, na qual o presidente estadunidense ratificou a guerra comercial contra a China, fez com que alguns líderes econômicos se pronunciassem contra as medidas protecionistas de Trump, aclamando pela retomada do livre comércio entre os países, que ao sofrerem com as consequências deste muro tarifário se vêem encurraladas e, por isso, também aplicam políticas de represália¹¹.

No encontro, Bruno Le Maire, ministro da Economia da França, trouxe à baila a indisposição gradativa que os Estados Unidos têm fomentado com seus aliados econômicos, também afetados pelas medidas de Trump¹²:

Fazemos um chamado à razão aos EUA, para que respeite as regras multilaterais e respeite seus aliados [...] Estadunidenses e europeus são aliados. Não conseguimos entender por que nós, europeus, temos de ser afetados pelo aumento de tarifas comerciais decidido pelos EUA.

Em que pese o custo da guerra comercial ainda não ser quantificável, é indiscutível que o efeito cascada que ela produz nas relações econômicas do globo é devastador a longo prazo. O atual cenário de adversidade comercial cumpre precisamente o papel de evidenciar a necessidade de novas políticas públicas frente às mudanças no modo de produção dos grandes potenciais, ocasionada especialmente pela expansão da tecnologia nas últimas décadas, a fim de enfrentar o desafio de manter o equilíbrio econômico nas relações mercantis.

3. AS REPERCUSSÕES DA GUERRA COMERCIAL NA ECONOMIA BRASILEIRA

A guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo iniciou-se com a imposição de sobretaxas americanas sobre diversos produtos chineses. As medidas protecionistas dos Estados Unidos implicaram a imediata

a,693726/brasil-perde-com-guerra-comercial-entre-estados-unidos-e-china.shtml>. Acesso em 04 set. 2018.

¹¹MOLINA, Federico Rivas. **EUA ratificam guerra comercial contra a China no G-20**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/21/internacional/1532192358_512814.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹²Idem.

retaliação da China, que também determinou tarifas sobre mercadorias americanas. A rixa entre os países afetou diversos commodities, entre eles alguns dos principais produtos de exportação, como soja, frutos do mar e veículos elétricos. Vislumbra-se, ainda, a possibilidade dos mercados petrolífero e de gás natural serem atingidos¹³.

Em que pese o tumultuado conflito entre as duas potências desencadear duras consequências para seus comércios internos, é indiscutível que a hostilidade no plano comercial ultrapassa a bipolaridade dos envolvidos, afetando diversos outros países, como o Brasil.

Isto porque o mundo globalizado implica um contexto de integração das economias. Assim, qualquer mudança de preço, redução ou aumento de produção entre outras modificações nos elos comerciais, possui impactos diretos nos parceiros econômicos da China e dos Estados Unidos.

Destarte, a existência de uma desavença comercial acentuada entre os maiores parceiros econômicos do Brasil causa intensa preocupação quanto às repercussões no mercado interno.

No que concerne à China, verifica-se um forte vínculo financeiro, considerando a histórica prática de exportação de commodities e importação de manufaturados por parte do comércio nacional. Entre os principais produtos exportados, tem-se itens como minério de ferro, celulose, carnes e, principalmente, soja¹⁴.

Por outro lado, no que tange à relação com a economia estadunidense, tem-se uma alta exportação de aviões, semimanufaturados e petróleo bruto brasileiro, transações de forte representação na circulação de renda do mercado brasileiro¹⁵.

Diante deste cenário, é seguro afirmar que o protecionismo norte-americano apresenta influências significativas no modo de produção brasileiro, uma vez que a depender das tarifas aplicadas, a economia do Brasil pode ficar vulnerável ante a modulação dos preços dos commodities que exporta e considerando quem é seu maior consumidor, o mercado chinês.

¹³PACHECO, Paula. **Brasil perde com guerra comercial entre Estados Unidos e China.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/07/09/internas_economia,693726/brasil-perde-com-guerra-comercial-entre-estados-unidos-e-china.shtml>. Acesso em 04 set. 2018.

¹⁴DUARTE, Luiza. **Como a guerra comercial entre EUA e China pode afetar o Brasil.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44745494>>. Acesso em: 04 set 2018.

¹⁵ Idem.

É importante destacar que o reflexo da guerra comercial de Trump inicialmente apresenta-se tênue, como no caso da venda de soja. A princípio, a agricultura brasileira pode apresentar um crescimento positivo em razão da demanda externa, visto que a soja é um dos principais produtos que o mercado estadunidense exporta para a China, e como consequência dos muros tarifários levantados pelos dois países, faz com que o mercado chinês recorra ao brasileiro para suprir o consumo interno¹⁶.

Contudo, essa dinâmica a longo prazo representa queda na competitividade brasileira, que não conseguirá atender a todos os mercados com quem possui relações, bem como implica o aumento descontrolado do preço da soja no âmbito nacional, considerando a súbita valorização do produto que também é altamente consumido na conjuntura local¹⁷. Frisa-se que esse crescimento na demanda de exportação pode se reproduzir em outros diversos itens comercializados.

Além disso, o protecionismo estadunidense também afeta diretamente o mercado brasileiro, como a exemplo da exportação de aço, uma vez que as sobretaxas aplicadas por Trump interfere na produção siderúrgica do país, um dos maiores fornecedores dessa matéria prima para os Estados Unidos. Destarte, é claramente possível que ocorra uma queda neste setor caso a imposição de tarifas de Trump transceda a economia chinesa¹⁸.

Em que pese a ponderação de todas essas problemáticas, economistas acreditam que este cenário de desavenças mercantis pode se tornar benéfico para os países emergentes, dentre eles, o Brasil, a depender da estratégia de relação comercial adotada. Como opina o professor de economia Marcos de Paiva Vieira¹⁹:

É um momento para se aproveitar a disputa, em todos os seus aspectos, para buscar mais negócios e investimentos. Sendo pragmático, o Brasil deve manter-se equidistante, abrindo-se para as investidas dos dois lados. Não há situação mutuamente excludente nas oportunidades de negócios comerciais, de fusões e aquisições e investimentos estrangeiros.

Decerto, o realinhamento das negociações comerciais entre os grandes países globalizados representa um momento de reflexão das demais economias parceiras. É plausível a necessidade de reestruturação dos associados

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸DUARTE, Luiza. **Como a guerra comercial entre EUA e China pode afetar o Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44745494>>. Acesso em: 04 set 2018.

¹⁹Idem.

comerciais entre as nações considerando as diversas transformações sociais, políticas e econômicas que têm ocorrido nos últimos anos.

Cabe salientar que o muro tarifário de Trump e as consequências decorrentes dele em seus aliados econômicos, como é o caso do Brasil, tornam a guerra comercial uma das principais pautas a ser debatida pelo próximo presidente brasileiro.

Isto porque o cenário é de extremo risco, considerando que a rivalidade mercantil é entre os dois maiores parceiros comerciais do Brasil, o que desencadeará fortes impactos no âmbito de exportação nacional. Tal repercussão é preocupante na medida em que uma das principais ferramentas para o crescimento econômico interno se materializa na prática de exportação do país²⁰.

Diante do exposto, é indiscutível que o surgimento de novas formas de transações comerciais, a evolução dos territórios emergentes nas relações internacionais e, por conseguinte, as mutações no investimento estrangeiro, descrevem um cenário que, fomentado por esta rixa tarifária, evidenciam o clamor por uma nova realidade mercantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, o crescimento econômico da China, um dos maiores parceiros comerciais do globo, simboliza uma ameaça a hegemonia norte americana como um dos líderes mundiais.

Muito além do protecionismo interno, as medidas de Donald Trump em blindar a economia dos Estados Unidos demonstra-se ser uma forma de manutenção do status de poder do país sob a premissa de fortalecimento da condição comercial do país.

A estratégia do presidente norte americano possui um viés imaturo, condizente com a postura do governante, que busca isolar aqueles que considera inimigos ao exercício da supremacia americana. Assim, pode-se dizer que a guerra comercial entre os Estados Unidos e China é uma nova forma de muro estadunidense, considerando as imposições feitas quanto à circulação dos produtos chineses.

Contudo, é imprescindível destacar que as barreiras tarifárias, embora possuam um único destinatário, possuem diversos reflexos, inclusive em parceiros comerciais que não possuem vínculo direto ao conflito.

²⁰RUIC, Gabriela. **Guerra comercial:** a crise que o próximo presidente não poderá ignorar. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/guerra-comercial-a-crise-que-o-proximo-presidente-nao-podera-ignorar/>>. Acesso em: 10 set 2018.

A exemplo, tem-se o Brasil, país que possui forte relações econômicas com os países em rixa e que diante deste cenário de adversidade, é colocado em uma situação de incerteza, visto que qualquer movimento comercial desses países apresenta repercussões distintas para seus parceiros.

Por este viés, é justo comparar a atual condição dos países que mantêm relações comerciais com essas duas potências mundiais a uma corda bamba, trêmula quanto ao benefício de um confronto comercial e os possíveis prejuízos a longo prazo advindos deste atrito.

Em contrapartida, este fenômeno consolida a visão dos economistas que enxergam, há tempos, a necessidade de reformular as negociações internacionais no quesito mercadológico, sendo a oportunidade a ser aproveitada pelos países emergentes quanto a escolha de seus parceiros econômicos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cecília e CATERMOL, Fabrício. **As Relações Econômicas entre China e EUA: resgate Histórico e Implicações**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 16, N. 31, P. 215-252, junho de 2009.

DUARTE, Luiza. **Como a guerra comercial entre EUA e China pode afetar o Brasil**. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44745494>>. Acesso em: 04 set 2018.

MOLINA, Federico Rivas. **EUA ratificam guerra comercial contra a China no G-20**. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/21/internacional/1532192358_512814.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

PACHECO, Paula. **Brasil perde com guerra comercial entre Estados Unidos e China**. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/07/09/internas_economia,693726/brasil-perde-com-guerra-comercial-entre-estados-unidos-e-china.shtml>. Acesso em 04 set. 2018.

RUIC, Gabriela. **Guerra comercial: a crise que o próximo presidente não poderá ignorar**. Disponível em:
<<https://exame.abril.com.br/economia/guerra-comercial-a-crise-que-o-proximo-presidente-nao-podera-ignorar/>>. Acesso em: 10 set 2018.